

COSTURANDO QUINTAIS: AGROECOLOGIA, EXTENSÃO E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO ASSENTAMENTO NOVA JERUSALÉM

*COSTURANDO QUINTAIS: AGROECOLOGY, EXTENSION, AND COMMUNITY-
BASED TOURISM IN THE NOVA JERUSALÉM SETTLEMENT*

Marcela Ferreira Marinho¹; Daniele Costa Oliveira²; Carlos Lacerda Coelho Júnior³;
Lívia Lima Pinheiro⁴; Magno Michell Marçal Braga⁵

¹Universidade Católica Portuguesa/Porto. Autora correspondente: Marcela_turismo@hotmail.com.

^{2,4,5}Instituto Federal de Alagoas – IFAL. ³Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

RESUMO: Este relato de experiência analisa o projeto “Costurando Quintais”, subprojeto do Rede de Saberes e Fazer: “Turismo de Base Comunitária: Aprender com a Comunidade, Construir com Sustentabilidade, Acolher com Ética” desenvolvida no Assentamento Nova Jerusalém (Maragogi/AL) em 2025. A iniciativa buscou integrar organização comunitária e formação socioproductiva como bases para o TBC. A sistematização da experiência, de natureza reflexiva e participativa, fundamentou-se nos princípios da economia solidária e educação popular, utilizando rodas de conversa, visitas técnicas aos quintais, oficinas de precificação e a formação de um grupo gestor para fortalecer a autogestão do projeto. Um dos marcos foi o piloto de cestas agroecológicas, que envolveu 12 famílias e 10 consumidores solidários do IFAL em entregas quinzenais por três meses. Os resultados demonstram que o fortalecimento do Empreendimento Econômico Solidário (EES) no assentamento ocorreu por meio da resignificação dos quintais como espaços de produção e memória, além da construção de circuitos curtos de comercialização. A experiência revelou que o Turismo de Base Comunitária, longe de se reduzir à recepção de visitantes, constitui-se como prática relacional, formativa e territorialmente situada, iniciando-se na organização da vida cotidiana, na economia solidária e na construção de vínculos comunitários. A comunidade reinterpreto o modelo de Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), adaptando-o à realidade local, o que reforça a autonomia e a diversidade epistêmica do território. Conclui-se que o processo de incubação atuou como dispositivo pedagógico essencial, preparando a base econômica e metodológica para um turismo sensível e educativo, pautado na ética, na regeneração territorial e nos laços de cooperação solidária.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária. Quintais Produtivos. Agroecologia. Economia Solidária. Assentamento Nova Jerusalém – Maragogi/AL.

ABSTRACT: This experience report analyzes the project “Costurando Quintais”, a subproject of “Rede de Saberes e Fazer: Community-Based Tourism – Learning with the Community, Building with Sustainability, Welcoming with Ethics”, developed in the Nova Jerusalém Settlement (Maragogi, Alagoas, Brazil) in 2025. The initiative aimed to integrate community organization and socio-productive training as foundational elements for Community-Based Tourism (CBT). The systematization of the experience followed a reflective and participatory approach, grounded in the principles of solidarity economy and popular education, including dialogue circles, technical visits to household gardens, pricing workshops, and the formation of a management group to strengthen self-management. A key milestone was the pilot of agroecological baskets, involving 12 families and 10 solidarity consumers linked to IFAL, with biweekly deliveries over three months. The results indicate that the strengthening of the Solidarity Economic Enterprise (SEE) occurred through the re-signification of household gardens as spaces of production and memory, as well as through the development of short supply chains. The experience reveals that CBT, rather than being limited to the reception of visitors, emerges as a relational, formative, and territorially grounded practice, rooted in everyday life organization, solidarity economy, and community bonding. The community also reinterpreted the Community Supported

Agriculture (CSA) model, adapting it to the local context, reinforcing territorial autonomy and epistemic diversity. It is concluded that the incubation process functioned as a pedagogical device, preparing the economic and methodological foundations for a sensitive and educational tourism approach, grounded in ethics, territorial regeneration, and cooperative relations.

Keywords: Community-Based Tourism; Agroecological Gardens; Solidarity Economy; Agroecology; Nova Jerusalém Settlement.

INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem sido progressivamente tensionado por abordagens que ultrapassam sua compreensão como estratégia de desenvolvimento local centrada na recepção de visitantes, passando a ser reconhecido como prática social, relacional e territorialmente situada. Nesse movimento, desloca-se de uma lógica de oferta e consumo para uma perspectiva que enfatiza a construção de vínculos, a organização da vida comunitária e a produção de sentidos no território.

É nesse horizonte que se insere o projeto Rede de Saberes e Fazeres: Turismo de Base Comunitária – Aprender com a Comunidade, Construir com Sustentabilidade, Acolher com Ética, desenvolvido no Assentamento Nova Jerusalém, localizado no município de Maragogi/AL. Construído a partir de uma perspectiva extensionista e dialógica, o projeto articula ensino, pesquisa e extensão na construção coletiva de práticas vinculadas ao turismo, tomando como ponto de partida as experiências, saberes e modos de vida da comunidade.

Ao longo do processo formativo desenvolvido com o assentamento, emergiu entre os participantes um questionamento central, como sustentar, no cotidiano, as práticas e os desejos mobilizados pelo projeto de Turismo de Base Comunitária? Tal inquietação, longe de ser introduzida externamente, constitui-se como expressão das próprias experiências vividas, evidenciando que a construção do turismo não poderia se dar de forma dissociada das condições concretas de organização socioprodutiva da comunidade.

Nesse contexto, surge o Costurando Quintais, inicialmente como subprojeto piloto em 2025, voltado à organização da produção nos quintais e à comercialização de cestas agroecológicas, sendo posteriormente reconfigurado, em 2026, como ação extensionista vinculada à Incubadora de Economia Solidária do IFAL – Campus Maragogi. Diante desse percurso, o presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre a experiência do Costurando Quintais, compreendendo-o como

desdobramento socioprodutivo do projeto de Turismo de Base Comunitária e como expressão de um processo relacional, formativo e territorialmente situado. Para tanto, o relato articula a sistematização da experiência vivida com uma reflexão inicial sobre as falas de duas participantes do projeto, buscando evidenciar como aspectos relacionados a organização da produção, a construção de vínculos e a emergência de práticas coletivas contribuem para a ressignificação do turismo em base comunitária.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Turismo de Base Comunitária, extensão e hospitalidade como prática relacional como prática relacional

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem sido progressivamente tensionado por abordagens que ultrapassam sua compreensão como segmento de mercado ou estratégia de desenvolvimento centrada na recepção de visitantes, passando a ser reconhecido em sua complexidade social, cultural e territorial (Panosso Netto, 2013; Barretto, 2003; Rejowski, 2002).

Essa compreensão aproxima-se de leituras contemporâneas que vêm sendo construídas na área do Turismo, nas quais o fenômeno passa a ser entendido como travessia, deslocando-se de uma lógica centrada na oferta para uma perspectiva que reconhece a experiência, o encontro e a construção de sentidos como elementos estruturantes. Nessa direção, o turismo deixa de ser concebido como atividade delimitada para afirmar-se como processo, no qual sujeitos, territórios e saberes se entrelaçam em dinâmicas relacionais e formativas (Marinho et al., 2025).

Tal inflexão dialoga com a extensão universitária compreendida como prática pedagógica e social de caráter dialógico, na qual o saber se constrói na relação entre sujeitos, reconhecendo, à luz de Freire (1996), a legitimidade dos diferentes saberes produzidos no território.

Nesse contexto, a ação extensionista configura-se como espaço relacional, no qual escola e comunidade se implicam mutuamente na construção de caminhos. Essa perspectiva dialoga com a noção de hospitalidade científica e acadêmica, na qual o conhecimento se constrói a partir do acolhimento do outro e da abertura à pluralidade de saberes (Marinho, 2019). Nesse sentido, o processo investigativo deixa de ser um movimento de extração de dados para constituir-se como espaço de encontro, no qual

diferentes epistemologias se colocam em diálogo, produzindo deslocamentos tanto no campo empírico quanto no próprio fazer científico (Marinho et al., 2025).

É nesse ponto que a noção de hospitalidade assume centralidade teórica. Inspirada em Emmanuel Lévinas, Isabel Baptista traz a hospitalidade considerando a compreensão dela como ética da responsabilidade diante do outro, fundada no reconhecimento de sua alteridade e na recusa de sua instrumentalização. No entanto Isabel Baptista discute e confere à discussão densidade no campo educativo e territorial.

Para Baptista (2005), a hospitalidade não se reduz ao acolhimento como prática funcional, mas constitui-se como princípio ético que orienta a relação com o outro a partir da proximidade, do cuidado e da responsabilidade. Trata-se de uma ética que se constrói no encontro e que exige abertura para o inesperado, para a diferença e para a pluralidade de experiências.

Essa dimensão ética amplia-se na direção de uma diversidade epistêmica, na qual diferentes formas de conhecimento, acadêmicas, populares e tradicionais, coexistem e são legitimadas no processo de construção coletiva. Nesse sentido, o TBC, articulado à extensão e à hospitalidade, configura-se como prática que não apenas organiza experiências turísticas, mas produz conhecimento a partir da relação, do diálogo e da escuta.

Assim, o TBC pode construir-se como campo de práticas no qual vida comunitária, produção de conhecimento e ética do encontro se entrelaçam.

Economia solidária, agroecologia e tecnologia social em território

No plano socioprodutivo, a articulação entre economia solidária, agroecologia e tecnologia social constitui eixo estruturante das práticas no território, deslocando a análise para uma abordagem que integra produção, vida social e relações comunitárias.

A economia solidária, ao propor a subordinação do mercado à reprodução da vida, desloca o foco da acumulação para a sustentabilidade das relações sociais. Conforme argumenta Lisboa (2005), trata-se de uma perspectiva que reinscreve o econômico no social, valorizando princípios como autogestão, cooperação e solidariedade. Nesse sentido, não se trata apenas de uma alternativa de geração de

renda, mas de uma forma de reconfiguração das relações produtivas e sociais em nível comunitário.

Essa reorganização encontra, na agroecologia, sua dimensão produtiva situada. Os quintais produtivos, nesse contexto, deixam de ser compreendidos como espaços domésticos periféricos e passam a ser reconhecidos como territórios de produção, cuidado e memória. Neles se articulam saberes tradicionais, práticas de cultivo e formas de relação com a terra que integram dimensões econômicas, culturais e simbólicas.

Os quintais configuram-se como espaços de vida, nos quais se articulam produção, cuidado e partilha, aproximando-se da noção de hospitalidade (Baptista, 2005) ao orientar-se por relações de proximidade e responsabilidade.

A tecnologia social emerge, nesse contexto, como princípio organizador dessas práticas. Diferentemente de soluções técnicas transferidas de forma externa, a tecnologia social caracteriza-se como processo construído coletivamente, no qual o conhecimento se produz na interação entre diferentes saberes. Trata-se de uma construção situada, adaptada às condições do território e orientada pela participação dos sujeitos envolvidos.

Essa articulação entre produção, organização e conhecimento aproxima-se das discussões contemporâneas sobre o Turismo de Base Comunitária em contextos mais amplos, nas quais se evidencia que o TBC não pode ser compreendido de forma dissociada das dinâmicas sociais e produtivas do território. Nessa perspectiva, o turismo emerge como desdobramento de processos mais amplos de organização social, econômica e educativa, reforçando sua natureza relacional e territorialmente situada (Marinho et al., 2025).

Assim, a integração entre economia solidária, agroecologia e tecnologia social permite compreender as práticas comunitárias não apenas como iniciativas produtivas, mas como processos sociotécnicos e relacionais, nos quais produção, organização e conhecimento se entrelaçam. Nesse entrelaçamento, a dimensão econômica deixa de ser um fim em si mesma e passa a constituir-se como condição para a sustentabilidade da vida comunitária e para a construção de alternativas enraizadas no território.

METODOLOGIA

Caracterização da ação

O presente trabalho configura-se como um relato de experiência, de natureza reflexiva e participativa, desenvolvido no âmbito do projeto de Turismo de Base Comunitária intitulado Rede de Saberes e Fazeres, realizado no Assentamento Nova Jerusalém, localizado no município de Maragogi/AL.

Por se tratar de um relato de experiência associado a uma ação extensionista, e não de uma pesquisa com coleta sistemática de dados voltada à generalização científica, este trabalho não se enquadra nas exigências de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), nos termos da Resolução CNS nº 510/2016, que disciplina as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. As falas aqui apresentadas foram compartilhadas voluntariamente pelas participantes nos momentos de escuta e partilha realizados no âmbito do projeto de extensão, com sua autorização para uso neste relato, preservando-se o anonimato por meio da não identificação nominal.

A experiência insere-se no campo das práticas extensionistas, compreendidas como processos dialógicos e relacionais, nos quais a construção do saber ocorre na interação entre universidade e comunidade.

No contexto desse projeto, o Costurando Quintais emergiu inicialmente, em 2025, como subprojeto piloto voltado à organização socioproductiva a partir dos quintais das famílias do assentamento. Posteriormente, em 2026, passou por um processo de reconfiguração institucional, constituindo-se como projeto de extensão vinculado à Incubadora de Economia Solidária do IFAL – Campus Maragogi, assumindo caráter mais estruturado enquanto tecnologia social em território.

Dinâmica processual e procedimentos pedagógicos

A condução do projeto constituiu-se de forma processual, com ações construídas em diálogo com a comunidade ao longo da experiência. Esse movimento foi mediado por estratégias de ação como rodas de conversa, visitas técnicas, oficinas de precificação e a formação de um grupo gestor, compreendidas como espaços de construção coletiva e reconfiguração do projeto.

Dentre as ações desenvolvidas, destaca-se o piloto das cestas agroecológicas, realizado em 2025, envolvendo famílias do assentamento e consumidores vinculados ao IFAL, em um processo de comercialização solidária com entregas quinzenais. Essa experiência constituiu-se como momento-chave do projeto, na medida em que materializou, em prática, os deslocamentos construídos coletivamente em torno da necessidade de sustentabilidade econômica do Turismo de Base Comunitária.

Momentos de escuta e partilha

O registro das vivências incluiu a realização de um momento de escuta e partilha com duas participantes do projeto, cujas trajetórias se entrelaçam com o desenvolvimento das ações do Costurando Quintais. Ainda que esse momento se aproxime, em alguma medida, de uma roda de conversa em pequeno grupo, sua condução não se orientou por uma lógica de registro dos diálogos, mas por uma perspectiva relacional, na qual a fala emerge como expressão situada no encontro entre as participantes.

A reflexão sobre essas falas apoiou-se na valorização da linguagem como espaço de produção de sentidos, reconhecendo que os relatos são atravessados por múltiplas vozes e marcados pela presença do outro (Bakhtin, 2003; Ducrot, 1987; Authier-Revuz, 1990). A equipe sistematizou as percepções compartilhadas nos encontros buscando compreender a experiência vivida pelas participantes, identificando permanências, mudanças e sentidos que emergiram ao longo do processo (Ricoeur, 1978; Panosso Netto, 2011).

Os momentos de escuta e partilha foram orientados por questões disparadoras, elaboradas como estratégias de abertura ao diálogo e organizadas em torno de eixos temáticos construídos a partir do próprio percurso do projeto. No primeiro eixo, buscou-se compreender a relação das participantes com os quintais e com o território, por meio de perguntas como: como você vê o seu quintal hoje? O que mudou na forma como você enxerga o quintal depois do projeto? O que você já fazia antes e o que passou a fazer agora?

No segundo eixo, as questões voltaram-se à experiência com o Costurando Quintais e com a organização das cestas agroecológicas: como foi, para você, participar do Costurando Quintais? Como você vê a ideia das cestas? O que foi mais

fácil e o que foi mais difícil nesse processo? Como foi trabalhar junto com as outras pessoas?

No terceiro eixo, buscou-se desenvolver a dimensão da organização coletiva e da economia solidária: como você entende essa ideia de trabalhar junto? O que significa, para você, dividir, organizar, vender? Como foi participar das decisões sobre preços, organização e entregas?

Por fim, um quarto eixo orientou-se para a compreensão da sustentabilidade e das perspectivas do projeto: você acha que isso pode continuar? Por quê? O que precisa melhorar para dar certo? Como você vê o futuro do Costurando Quintais? E o turismo, onde entra nisso tudo?

Importa destacar que essas questões não foram mobilizadas de forma linear, sendo acionadas ao longo da conversa conforme os temas emergiam nas falas das participantes. Nesse sentido, a escuta se configurou como espaço de diálogo, no qual as perguntas funcionaram como pontos de apoio para a construção das narrativas, permitindo que as participantes conduzissem o fluxo da conversa a partir de suas próprias experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Emergência do Costurando Quintais (2025)

A emergência do Costurando Quintais configura-se como desdobramento do projeto de Turismo de Base Comunitária desenvolvido no Assentamento Nova Jerusalém em 2025, articulado ao processo formativo e relacional construído com a comunidade.

Ao longo das atividades, especialmente nas rodas de conversa, visitas aos quintais e momentos de planejamento coletivo, tornou-se recorrente entre os participantes um questionamento central, como sustentar, no cotidiano, as práticas e os desejos mobilizados pelo projeto de Turismo de Base Comunitária? Essa inquietação não foi introduzida como problema externo, mas emergiu das próprias vivências da comunidade, à medida que se ampliava o entendimento sobre o que se desejava construir coletivamente.

Esse movimento reconfigurou a compreensão do próprio projeto. Se, em um primeiro momento, o foco recaía sobre a organização de experiências turísticas e a

recepção de visitantes, progressivamente passou-se a reconhecer que a sustentabilidade dessas iniciativas dependia de uma base econômica e organizativa mais sólida, estruturada no cotidiano da comunidade.

Foi nesse contexto que os quintais produtivos começaram a ser percebidos de outra maneira. Até então compreendidos majoritariamente como espaços domésticos ou de subsistência, passaram a ser reconhecidos como potenciais espaços de produção, nos quais já existiam práticas de cultivo, partilha e circulação de alimentos entre as famílias. A identificação de excedentes, mesmo que inicialmente destinados à troca ou ao consumo entre vizinhos, permitiu a possibilidade de pensar novas formas de organização socioprodutiva.

A partir dessas percepções, emergiu, de forma coletiva, a ideia de estruturar um sistema de comercialização de cestas agroecológicas, articulando a produção dos quintais à lógica da economia solidária. A proposta não partiu de um modelo previamente definido, mas foi sendo construída no diálogo entre os participantes e a equipe do projeto, considerando as condições concretas do território, os saberes existentes e as possibilidades de organização do grupo.

O piloto das cestas agroecológicas foi, então, implementado ao longo de três meses, entre agosto e outubro de 2025, envolvendo 12 famílias do assentamento e um grupo de 10 consumidores solidários vinculados ao IFAL. A dinâmica de funcionamento baseou-se em entregas quinzenais, nas quais os produtos cultivados nos quintais eram organizados coletivamente e distribuídos aos consumidores, estabelecendo um circuito curto de comercialização.

Esse processo solicitou aprendizagens coletivas relacionadas à organização da produção, definição de preços, logística de entrega e gestão do grupo. Para isso, foram realizadas oficinas de precificação, encontros de planejamento e momentos de avaliação, nos quais as famílias puderam refletir sobre os desafios e possibilidades da experiência.

Ao longo do piloto, evidenciaram-se tanto potencialidades quanto limites. Por um lado, a experiência demonstrou a viabilidade da proposta, fortalecendo o senso de pertencimento, a cooperação entre as famílias e a valorização dos quintais como espaços produtivos. Por outro, também revelou desafios relacionados à regularidade da produção, à organização coletiva e à necessidade de maior estruturação do empreendimento.

Longe de encerrar o processo, esses limites reabriram novas questões, indicando a necessidade de aprofundamento das ações. Foi nesse movimento que o Costurando Quintais passou a ser compreendido não apenas como uma iniciativa pontual, mas como um caminho possível para a construção de uma base socioprodutiva capaz de sustentar, em longo prazo, o projeto de Turismo de Base Comunitária.

Reconfiguração do Costurando Quintais como projeto de extensão (2026)

A experiência desenvolvida ao longo de 2025, por meio do piloto das cestas agroecológicas, produziu deslocamentos significativos na compreensão do próprio Costurando Quintais. Se, inicialmente, o subprojeto se configurava como uma iniciativa experimental inserida no âmbito do Turismo de Base Comunitária, os aprendizados decorrentes de sua realização evidenciaram a necessidade de ampliação e maior estruturação das ações (Braga et al., 2025).

Os limites identificados durante o piloto, relacionados à organização produtiva, à gestão coletiva e à regularidade das entregas, não foram compreendidos como obstáculos isolados, mas como sinalizadores de que o processo estabelecia um aprofundamento metodológico e organizacional. Ao mesmo tempo, as potencialidades observadas, especialmente no que se refere ao engajamento das famílias, à valorização dos quintais e à construção de vínculos entre produtores e consumidores, reforçaram a relevância da proposta.

Foi nesse contexto que, ao longo de 2026, o Costurando Quintais passou por um processo de reconfiguração institucional, deixando de operar exclusivamente como subprojeto vinculado ao Turismo de Base Comunitária para constituir-se como projeto de extensão articulado à Incubadora de Economia Solidária do IFAL, Campus Maragogi. Essa mudança não representou uma ruptura com a experiência anterior, mas sua continuidade em outro nível de organização.

A inserção na incubadora possibilitou a ampliação das ações, incorporando novas dimensões ao projeto, especialmente no que se refere ao acompanhamento técnico, à organização socioprodutiva e à consolidação de um Empreendimento Econômico Solidário (EES). Nesse novo momento, o Costurando Quintais passou a operar de forma mais sistematizada, articulando práticas de assessoria em gestão, planejamento produtivo e fortalecimento da autogestão das famílias envolvidas.

Além disso, a articulação com o curso de Tecnologia em Horticultura do IFAL contribuiu para o fortalecimento da base produtiva, por meio da realização de dias de campo, oficinas e acompanhamento técnico, ampliando as possibilidades de qualificação da produção nos quintais. Essa integração entre diferentes áreas do conhecimento reforçou o caráter interdisciplinar do projeto, evidenciando a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Nesse processo, o Costurando Quintais passou a ser compreendido como uma tecnologia social em território, na medida em que se consolidava como uma construção coletiva, desenvolvida a partir das demandas da comunidade e orientada pela articulação entre economia solidária, agroecologia e organização social. Mais do que uma solução técnica, o projeto afirmava-se como processo em contínua construção, marcado pela participação, pela adaptação às condições locais e pela produção de aprendizados coletivos.

Ao assumir esse novo estatuto, o projeto ampliou seu alcance, não apenas no plano produtivo, mas também no plano formativo e político, fortalecendo a participação das famílias em espaços de decisão e ampliando sua inserção em redes de economia solidária. Assim, a reconfiguração do Costurando Quintais em 2026 evidencia um movimento de amadurecimento do processo iniciado no ano anterior, no qual a experiência piloto se desdobra em uma ação estruturada, sem perder seu caráter relacional e situado (Pinheiro et al., 2026).

Sentidos compartilhados nas falas das participantes

A passagem do relato da experiência para a reflexão sobre as falas das participantes se constrói a partir das próprias palavras compartilhadas nos encontros, na medida em que essas falas condensam os processos vividos no âmbito do Costurando Quintais. Nesse sentido, a equipe buscou valorizar a linguagem como espaço de produção de sentido, no qual se inscrevem experiências, deslocamentos e relações construídas ao longo do projeto.

Ao serem convidadas a refletir sobre seus quintais, as participantes evidenciam um deslocamento significativo na forma de percepção do cotidiano. Como afirma uma das agricultoras participantes do projeto, “antigamente, quando eu olhava para o meu quintal, eu via ele como um lugar de prisão”, acrescentando, em seguida, que passou a compreendê-lo como “minha pequena empresa dentro de casa”. Esse movimento

revela uma transformação que não se limita ao plano produtivo, mas envolve uma reconfiguração do olhar sobre o próprio espaço vivido.

Esse deslocamento evidencia a ressignificação de práticas já existentes a partir de novas possibilidades de sentido no contexto do projeto.

Essas falas permitem reconhecer que a experiência das participantes não se reduz a uma única dimensão (Ducrot, 1987; Brandão, 1996), na medida em que elas articulam, em uma mesma fala, diferentes posições e experiências. Ao afirmar que o quintal passa a ser fonte de renda e, ao mesmo tempo, espaço de cuidado familiar, essa mesma agricultora reúne diferentes sentidos que coexistem e se tensionam, revelando a complexidade do processo vivido.

Essa multiplicidade também se evidencia na dimensão coletiva do projeto. Ao descrever a organização das cestas, uma das participantes relata: “na minha casa funcionava o centro de produção... a mesa ficava completa de tudo... e era aquela alegria só”. Nesse trecho, a experiência produtiva é narrada de forma indissociável da experiência relacional, indicando que a produção não se organiza apenas como atividade econômica, mas como espaço de convivência e construção de vínculos.

A presença do outro nas falas, por sua vez, torna-se evidente em diferentes momentos das narrativas. Essa mesma agricultora afirma que “uma ajudava a outra... a gente compartilhava entre nós”, acrescentando que mesmo quando não havia venda completa das cestas, “a gente ficava feliz do mesmo jeito”. Essas expressões revelam a pluralidade de sentidos presentes na fala coletiva (Authier-Revuz, 1990; Flores et al., 2009), na medida em que o dizer se constrói na relação com o coletivo, evidenciando que a experiência não é individual, mas compartilhada.

A dimensão da união comunitária emerge como elemento central nas falas. Essa participante afirma que, antes do projeto, “a gente não tinha muita união”, enquanto, após o processo, “a gente se uniu muito bem”. Essa fala evidencia não apenas uma mudança de percepção, mas a produção de novos vínculos sociais, indicando que o projeto atua também na reconfiguração das relações comunitárias.

Ao mesmo tempo, as narrativas revelam tensões estruturais, especialmente no que se refere às relações de gênero. Essa agricultora explicita que havia resistência à participação feminina, destacando que “os esposos não nos deixavam participar”. Nesse contexto, a abertura da casa de uma das participantes é narrada como ruptura, sendo descrita como gesto que “libertou” as demais mulheres. Esse trecho evidencia

que o projeto não opera apenas no plano produtivo, mas também no enfrentamento de estruturas sociais que limitam a participação.

Outro elemento que atravessa as narrativas é a dimensão simbólica da produção. Ao afirmar que “não era só um pé de coco... era a nossa história ali”, essa mesma agricultora evidencia que os produtos carregam sentidos que ultrapassam o valor material, inscrevendo-se como expressões da vida e da trajetória das participantes. Essa dimensão reforça a compreensão da produção como prática cultural e relacional.

Essas falas também revelam a centralidade da experiência coletiva na construção do projeto. Expressões como “a gente não quer sair” e “a expectativa é que cada reunião venha mais coisas” indicam o engajamento das participantes e a continuidade do processo como desejo coletivo. Nesse sentido, a experiência não se encerra no piloto, mas projeta-se como continuidade.

Por fim, destaca-se a articulação entre diferentes dimensões da vida no território. Ao afirmar que “o Costurando Quintais não costurou só os quintais, mas costurou a religiosidade também”, essa agricultora sintetiza, em uma única fala, a complexidade do processo vivido. Esse trecho evidencia a integração entre produção, cultura, fé e relações sociais, indicando que o projeto opera como espaço de articulação de múltiplas dimensões da experiência.

Nesse horizonte, as narrativas permitem compreender o Costurando Quintais não apenas como iniciativa produtiva, mas como processo relacional e formativo, no qual se produzem deslocamentos que atravessam o cotidiano, as relações e os modos de significar o território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido neste relato de experiência corrobora com a concepção de que o subprojeto Costurando Quintais não se constitui como uma iniciativa isolada, mas como desdobramento de um processo formativo e relacional construído no âmbito do projeto de Turismo de Base Comunitária no Assentamento Nova Jerusalém. Ao emergir das inquietações da própria comunidade acerca da sustentabilidade do projeto, o subprojeto revela que o turismo, quando compreendido em sua dimensão ampliada, não se inicia na recepção de visitantes, mas na

organização da vida cotidiana, na construção de vínculos e na produção de condições concretas de existência no território.

A experiência do piloto das cestas agroecológicas, em 2025, seguida pela reconfiguração em 2026, evidencia a continuidade do processo.

A articulação entre economia solidária, agroecologia e tecnologia social demonstra que a sustentabilidade do TBC se ancora na construção coletiva de práticas socioprodutivas, enraizadas no território e orientadas pela cooperação e pela autogestão.

As falas das participantes apoiam a compreensão de que os deslocamentos produzidos pelo projeto ultrapassam o plano produtivo, alcançando dimensões subjetivas, comunitárias e simbólicas. A resignificação dos quintais, a construção de práticas coletivas, o fortalecimento dos vínculos e a emergência de novos sentidos para o trabalho e para o território indicam que a experiência vivida opera como processo formativo, no qual se produzem transformações nos modos de ver, sentir e agir.

Do ponto de vista metodológico, o estudo reafirma a potência dos momentos de escuta e partilha como estratégia de aprendizagens coletivas em contextos extensionistas. Ao sistematizar as percepções compartilhadas nos encontros, foi possível compreender as falas não como relatos descritivos, mas como expressões complexas da experiência vivida, nas quais se inscrevem múltiplas vozes, tensões e sentidos. Tal abordagem contribui para o fortalecimento de práticas extensionistas que reconhecem o caráter relacional e situado das trocas de saberes.

Esses elementos, longe de fragilizar o processo, reafirmam sua complexidade, indicando que a construção de iniciativas baseadas na economia solidária e no trabalho coletivo envolve negociações permanentes e reconfigurações constantes.

O Costurando Quintais evidencia que a sustentabilidade do Turismo de Base Comunitária se constrói na base socioprodutiva, nas relações comunitárias e na organização cotidiana da vida em território. Mais do que uma iniciativa produtiva, o projeto afirma-se como processo relacional e formativo, no qual se articulam dimensões econômicas, sociais e simbólicas, apontando para a necessidade de compreender o turismo para além da visitação, como expressão da sustentação da vida e da experiência coletiva. Dessa forma, mais do que uma iniciativa produtiva, o Costurando Quintais manifestar-se como processo relacional e formativo, no qual se articulam dimensões econômicas, sociais, culturais e simbólicas, reafirmando a

centralidade da vida comunitária como base para a construção de práticas turísticas comprometidas com a ética, a cooperação e a diversidade epistêmica.

É nesse horizonte que se projeta uma questão que ultrapassa os limites deste estudo e aponta para desdobramentos futuros: de que forma os processos socioprodutivos desenvolvidos no cotidiano comunitário podem reconfigurar, de maneira mais ampla, concepções e práticas do Turismo de Base Comunitária, deslocando-o decididamente de uma lógica centrada unicamente na visitação para uma lógica fundada na sustentação da vida e da experiência relacional em território?

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAPTISTA, Isabel Maria de Carvalho. **Dar rosto ao futuro**: a educação como compromisso ético. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 15. ed. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção Turismo).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (org.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LISBOA, Armando de Melo. Economia solidária e autogestão: imprecisões e limites. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 109–115, 2005.

BRAGA, Magno Michell Marçar et al. **Rede de Saberes e Fazeres – Turismo de Base Comunitária**: aprender com a comunidade, construir com sustentabilidade, acolher com ética. Relatório final de projeto de extensão. Maragogi: Instituto Federal de Alagoas, Campus Maragogi, 2025.

MARINHO, Marcela Ferreira. **Universo histórico-conceitual do turismo e interdisciplinaridade**: releituras de práticas docentes na formação superior em

turismo. 2019. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/5514>. Acesso em: 23 abr. 2026.

MARINHO, Marcela Ferreira et al. Turismo de base comunitária como travessia: diversidade epistêmica e hospitalidade científica e metodológica no encontro com a comunidade do Assentamento Nova Jerusalém, Maragogi/AL/BR. In: SEMINÁRIO ANPTUR, 22.; CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO TURÍSTICA (CLAIT), 10., 2025, Caxias do Sul. **Anais do XXII Seminário ANPTUR e X CLAIT**. Caxias do Sul: Even3, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xxii-seminario-anptur/1151259-turismo-de-base-comunitaria-como-travessia--diversidade-epistemica-e-hospitalidade-cientifica-e-metodologica-no-> . Acesso em: 23 abr. 2026.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2011.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PINHEIRO, Livia Lima et al. **Costurando Quintais**: autogestão, produção e economia solidária. 2026. Projeto de extensão (PJ037-2026) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Maragogi, Maragogi, 2026. Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA).

REJOWSKI, Mirian (org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.